

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE TURISMO E HOTELARIA
CURSO DE HOTELARIA

RENATA MARTINS FERREIRA

JAMAICA BRASILEIRA: um resgate histórico sobre o reggae em São Luís

São Luís

2019

RENATA MARTINS FERREIRA

JAMAICA BRASILEIRA: um resgate histórico sobre o reggae em São Luís

Monografia apresentada ao Curso de Hotelaria da
Universidade Federal do Maranhão, para obtenção
do grau de Bacharel em Hotelaria.

Orientadora: Prof. Ma. Ana Letícia Burity da Silva

São Luís

2019

Ferreira, Renata Martins

JAMAICA BRASILEIRA: um resgate histórico do reggae em São Luís. /
Renata Martins Ferreira, 2019.

57 f.

Orientadora: Profa. Ma. Ana Letícia Burity da Silva.

Monografia (Graduação) – Curso de Hotelaria, Universidade Federal do
Maranhão, São Luís, 2019.

1. Identidade Cultural. 2. Reggae. 3. Resistência.
I. Silva, Ana Letícia Burity da II. Título.

RENATA MARTINS FERREIRA

Monografia apresentada ao Curso de Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão, para obtenção do grau de Bacharel em Hotelaria.

Orientadora: Profa. Ma. Ana Letícia Burity da Silva

Aprovada em: / /

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Ana Letícia Burity da Silva (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Ma. Ângela Roberta Lucas Leite (Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Cairo Cezar Braga de Sousa (Examinador)
Universidade Federal do Maranhão

A Deus que em nenhum momento me deixou fraquejar ou desistir deste trabalho. E aos meus pais, Isabel e Luzamir, por todo amor e dedicação em todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre presente em minha vida, sobretudo, nos momentos difíceis que passei durante a realização deste trabalho. Gratidão em cada oração.

À minha amada mãe, que é a minha amiga, incentivadora que não me deixou desistir em vários momentos de tristeza que eu me pegava a demonstrar. Por sempre fazer de um tudo para que não me faltasse nada.

Ao meu pai, que apesar de nossas diferenças sempre doou seu amor em forma de sacrifício para que eu tivesse a oportunidade de estudar. Por sempre colocar a nossa família em primeiro plano, nunca nos permitindo faltar nada.

À toda a minha família pelas palavras de apoio e incentivo para a conclusão do meu curso. Em especial à minha tia Antônia Martins, que mesmo de longe a cada ligação tinha a preocupação em reforçar o incentivo para a conclusão da monografia. À minha prima Nelcirene, que sempre esteve do meu lado desde a minha infância e que também sempre prezou pela minha educação. Ao meu irmão Leonardo Martins, apesar do nosso pouco convívio é uma pessoa muito boa, sendo um importante incentivador.

Aos professores, que ao longo da minha permanência na UFMA contribuíram para com a minha formação. E em especial à professora Socorro que conseguiu, por meio de uma disciplina despertar o meu amor pela cultura popular. Ao Fábio, que sempre me acolhia de forma bem carinhosa todas às vezes em que precisei de ajuda na coordenação do curso de hotelaria.

À minha professora e coordenadora Ana Letícia, que aceitou a orientação deste trabalho, incentivou de modo ímpar o desenvolvimento do objeto desta pesquisa. Tendo sido dedicada e carinhosa, buscou fontes, a fim de desenvolver este trabalho, sem deixar de enfatizar os puxões de orelha por vezes nas quais se fizeram necessários.

A todos os amigos conquistados no curso de hotelaria e demais cursos pelos quais o ambiente universitário me permitiu conhecer. Aos eventos, festas, companhia nas aulas, seminários, calouradas, restaurante universitário-RU, biblioteca. Aos meus colegas de Centro Acadêmico, gestão C. Atuante: Andressa, Andrea, Delízia, Elinajara, Leni, Pedro, Rafael e Manoel, por todas as grandes oportunidades de desenvolvimento pessoal e acadêmico.

À minha amiga, Elinajara, que me permitiu acompanhar sempre sua caminhada de muita luta e árduo exemplo de força e superação. Jamais esquecerei que esteve comigo em momentos bons e ruins, grande incentivadora da cultura popular e inigualável apreciadora, assim como eu, do ritmo reggae.

Aos amigos que a UFMA carinhosamente me presenteou, meus anjos: Larisse, Gleyciane, Josydel (Índio), Jennyfer, Ulysses e Thiago, sim, firmamos uma amizade que é para vida toda, foram muitos momentos dentro da UFMA e fora dela. Obrigada pelos risos, choros, comemorações, pelas saidinhas, pelos trabalhos em grupo, pelas discussões, enfim, pela companhia ao longo de todos esses anos, certamente o será na vida à fora.

Às minhas amigas da vida, desde o ensino fundamental até ao médio, Amanda e Soraia, incansavelmente estiveram comigo, apesar de alguns momentos críticos que vivenciei durante um período da minha vida nunca desistiram da minha amizade. Pelos puxões de orelha, pelas risadas, pela cobrança da minha monografia, pelas comemorações de cada uma. São tantos anos, amo muito vocês.

Em especial, agradeço à minha amiga Laisa Furtado, que tive o prazer de conhecer no Instituto Federal do Maranhão (IFMA), em 2010, uma parceira de todas as horas, que sempre esteve comigo, me ajudou e ajuda muito nas horas mais difíceis e nas mais lindas. Amiga te adoro muito, obrigada por tudo.

À minha equipe de trabalho do Hospital São Domingos-HSD, que desde 2014 tive o imenso prazer de iniciar o cultivo da convivência saudável com pessoas maravilhosas, apoiadoras dos diversos momentos ao longo dessa jornada dupla de trabalho e estudo, me ajudaram muito para que eu conseguisse concluir esse curso. À minha Líder, Gabriela, pessoa fundamental, me ajudou com sua paciência e compreensão, quando as ausências justificadas eram necessárias, a fim de investir em minha formação acadêmica.

À Flávia Borges, pessoa que se tornou querida nesse tempo curto em que tive a oportunidade de conhecê-la, em período record me ajudou de forma decisiva na construção desse trabalho.

Às pessoas que diretamente e indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho.

*“Uma coisa boa sobre a música é que
quando ela bate você não sente dor.”*

(Bob Marley)

RESUMO

Na cidade de São Luís do Maranhão, o ritmo reggae adota características peculiares, apropriadas de aspectos culturais adaptados da Jamaica, que se constitui um movimento de resistência cultural, social e política contra a marginalização das camadas populares, especificamente negros e menos favorecidos economicamente, que sofrem em seu cotidiano preconceitos étnicos e sociais. Sua força de resistência ultrapassou décadas e latitudes, chegando ao Brasil e popularizando-se principalmente no Maranhão. Mesmo contra a vontade de muitos, a outrora apelidada de Atenas Brasileira, recebe outro apelido, surge então a Jamaica Brasileira em São Luís, que passa a atrair turistas e fãs do gênero musical, que descobrem ao chegarem na Ilha um jeito único de dançar o reggae, juntinho de sua parceira ou mesmo sozinho, deixando-se envolver pela melodia de uma língua não compreendida, mas com uma batida que instintivamente convida a todos para bailar em volta dos salões dos clubes, com suas radiolas e DJ's no comando do som. O presente estudo buscou apresentar o reggae como elemento cultural que contribui para o desenvolvimento do turismo em São Luís do Maranhão, bem como descrever as principais influências culturais que levaram São Luís a receber o título de Jamaica Brasileira, e apontar ações voltadas para o enaltecimento do reggae na capital Maranhense. Este trabalho de cunho bibliográfico faz um levantamento histórico, que traçou o caminho do ritmo da longínqua ilha na Jamaica até sua chegada e popularização na Ilha do amor (São Luís do Maranhão). Foi perceptível ao longo do trabalho a preciosidade da 'pedra' bruta que o turismo pode lapidar e trazer aos ludovicenses a economia do turismo cultural, além de preservar o real sentido das letras que trazem a resistência negra e política consigo, que lhe conferiram o título de Patrimônio Imaterial. A sociedade, em suas diferentes camadas passa a aceitar o reggae como algo pertencente a sua identidade cultural no Maranhão.

Palavras-chave: Reggae. Resistência. Identidade Cultural.

ABSTRACT

In the city of São Luís do Maranhão, the reggae rhythm adopts peculiar, appropriate characteristics of adapted cultural aspects of Jamaica, which constitutes a movement of cultural, social and political resistance against the marginalization of the popular, specifically black and economically less favored strata, that suffer in their daily ethnic and social prejudices. Its strength of resistance surpassed decades and latitudes, arriving to Brazil and popularizing itself mainly in Maranhão. Even against the will of many, the once dubbed Brazilian Athens, receives another nickname, then comes the Brazilian Jamaica in São Luís, which attracts tourists and fans of the musical genre, who discover, when they arrive on the Island, a unique way to dance the reggae, together with his partner or even alone, allowing himself to be involved in the melody of a language not understood, but with a beat that instinctively invites everyone to dance around the club halls, with their *radiolas* and DJ's in charge of the sound. The present study sought to present reggae as a cultural element that contributes to the development of the tourism in São Luís do Maranhão, as well as to describe the main cultural influences that led São Luís to receive the title of Brazilian Jamaica, and to point out actions aimed at enhancing the reggae in the capital Maranhense. This bibliographical work makes a historical survey, which traced the path of the rhythm of the distant island in Jamaica until its arrival and popularization in the "Love Island" (São Luís do Maranhão). Throughout the work it's possible to realize the preciousness of the crude 'stone' that tourism could lapse and bring to the "Ludovicenses" the economics of cultural tourism, as well as preserving the real meaning of the lyrics that bring the black and political resistance with it, which gave it the title of Intangible Assets. The society, in its different layers begins to accept reggae as something belonging to its cultural identity in Maranhão.

Keywords: Reggae. Resistance. Cultural Identity.

Lista de Figuras

Figura 1 – Rastamen	21
Figura 2 – Disseminadores do Reggae	22
Figura 3 – Capa do Catch a Fire	23
Figura 4 – Capa do disco Transa	24
Figura 5 – Capa do disco Refavela	24
Figura 6 – Capa do disco do Grupo Karetas	25
Figura 7 – Capa do disco da Tribo de Jah	25
Figura 8 – Radiola de Reggae	29
Figura 9 – Estrutura de salões de Reggae de modo geral	30
Figura 10 – Da esquerda para a direita, os DJ's Fauzi Beydoun e Ademar Danilo.....	31
Figura 11 – Dançando Reggae Agarradinho	36
Figura 12 – Maranhão reggae Roots Festival, ano 2005	44
Figura 13 – Faixada do Museu do Reggae do Maranhão	45
Figura 14 – Réplica dos paredões	46
Figura 15 – Percurso do Roteiro do Reggae	49

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	METODOLOGIA	15
3	A HISTÓRIA DO REGGAE COMO EXPRESSÃO CULTURAL	17
3.1	Jamaica: berço do Reggae no mundo	18
3.2	A chegada do Reggae no Brasil e Maranhão: a força dos anos de ouro, décadas de 80 e 90	23
3.3	As peculiaridades do Reggae ludovicense	34
4	CULTURA E REGGAE: relação de consumo voltado para o turismo	39
4.1	A crescente demanda social pelas “Pedras de Resposta”	43
4.2	Momentos sazonais: tímida apresentação do reggae como roteiro turístico	45
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	51
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

A história cultural de uma cidade faz parte das experiências vividas e vivenciadas por quem a habita. Entender o significado do turismo cultural de uma cidade com tantas lendas, monumentos, manifestações culturais, folclore, museus, gastronomia, arquitetura e demais elementos que lhe proporcionaram o título de cidade Patrimônio Histórico e Cultural, São Luís desperta olhares instigantes, permeados de concepções que se faz além do que se vê no dia a dia.

O reggae em São Luís traduz um misto de “culturalização”, identificação e lazer para a população que nela reside, sua raiz tem um histórico marcado por muitas lutas e conquista; percebe-se nas linhas do estudo realizadas a forte influência que exerce na vida das pessoas, especialmente nos espaços constituídos pelas populações periféricas. O ritmo reggae faz parte do cotidiano da maioria dos ludovicenses, assim, é habitual ouvi-lo e dançá-lo desde a infância.

Embalada pelas melodias envolventes e letras carregadas de protesto que levantam a bandeira da igualdade e da justiça social, a presente pesquisa buscou entender, a partir dos fatos históricos, o contexto cultural do Reggae na cidade de São Luís, no Estado do Maranhão, bem como sua rica cultura regada a muitas tradições. O som dos guetos jamaicanos e das periferias da cidade se destaca como objeto de estudo, não apenas no que se refere ao ritmo musical enraizado em todo o canto, mas também, no papel de parte da identidade cultural da população ludovicense.

Desse modo, o que despertou o interesse pelo tema discorrido foi a representatividade do gênero musical vindo da Jamaica e a imensa carga de singularidade capaz de provocar ressignificação identitária e conferir à “Ilha do Amor” o título de “Jamaica Brasileira” e o reflexo na atual promoção deste processo de reconhecimento da cultura popular sem excluir como um todo a cultura erudita enquanto atividade turística e cultural.

Para tanto, optou-se por fazer um levantamento histórico do trajeto que traz da Jamaica para São Luís o ritmo que se popularizou entre as culturas de massas populares, a massa regueira, e até mesmo as classes mais favorecidas economicamente. A pesquisa iniciou no mês de maio de 2018, com levantamento de

dados bibliográficos como livros, vídeos, arquivos digitais. E a produção do texto começa em julho de 2018, com conclusão em junho de 2019.

O estudo está organizado em quatro tópicos e cinco seções. Após a Introdução, apresenta-se a metodologia que traz informações pertinentes aos procedimentos utilizados para a elaboração da pesquisa. Em seguida, o tópico três ressalta a evolução dos acontecimentos que inspiram as letras nascidas na trajetória do contexto histórico de um povo com rico acervo de questões sociais, a partir de um padrão comportamental que se tornou manifestação cultural uniforme da pulsação autêntica da dor, bem como da aceitação do reggae como ritmo que deu ao Maranhão um rico período de historicidade e fenômeno de identificação da juventude negra da periferia, com raízes africanas e algumas características culturais semelhantes às da Jamaica, o que figura como a razão do reggae ter sido acolhido por questão de gosto, identificação étnica e suas peculiaridades em São Luís.

No tópico quatro, aborda-se sobre a cultura e o reggae como relação de consumo voltado para o turismo. Seu crescimento ao longo dos anos e dos processos de mudança, de acordo, com os fatores econômicos e culturais. Será discorrido também sobre os momentos sazonais que conferem ao reggae ludovicense uma tímida apresentação na qualidade de roteiro turístico.

O quinto tópico informa acerca dos resultados e discussões dos sentidos das palavras dos autores que discorrem sobre a história do movimento reggae na capital do Maranhão e da necessidade de investimentos que permitam mudança significativa na apresentação da cultura reggae como mais um aporte dos roteiros do turismo cultural na “Jamaica Brasileira”.

Por fim, apresentam-se as considerações finais, cuja elaboração perpassa pela necessidade de pontuar as ricas experiências adquiridas a partir da pesquisa realizada nos acervos que traduzem a historicidade da trajetória do gênero musical reggae, bem como das mudanças que este ritmo traz à cidade de São Luís desde os anos de 1970 até à atualidade, onde é possível perceber a influência que o movimento reggae gera nas manifestações culturais da capital maranhense. Sem, contudo, esquecer a tímida apresentação do ritmo como produto do Turismo cultural de uma Jamaica que se tornou brasileira.

2 METODOLOGIA

A metodologia se desenvolveu por várias fases que envolveram, inicialmente, a tipologia da pesquisa, cuja abordagem é qualitativa, a classificação quanto aos objetivos é exploratória, buscando primordialmente a descrição das características de determinada população ou fenômeno e o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2002, p.42).

Segundo ainda GIL (2010, p. 27), a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia se pesquisar diretamente. Posteriormente, será utilizada também a pesquisa documental segundo (Gil, 2002, p. 45) considera que:

assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes/enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa.

No que diz respeito à pesquisa documental, usou-se materiais que não receberam tratamento analítico, os dados foram constituídos restritamente de documentos como (imagens, reportagens de sites específicos sobre a temática da pesquisa e registros de acontecimentos voltados para o tema), disponibilizados por órgãos públicos e oficiais (SETUR, SECTUR, PREFEITURA DE SÃO LUÍS, O IMPARCIAL) que não receberam tratamento ou análise.

Desse modo, quanto aos procedimentos técnicos para a coleta de dados, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, que a partir de todo o material textual já publicado sobre o tema em estudo (jornais, revistas, publicações literárias, artigos de periódicos, monografias, arquivos eletrônicos e internet) de natureza teórica que abordam sobre o reggae e seu histórico, a trajetória dos principais expoentes e sua disseminação e evolução ao longo do tempo. Bem como sobre a relação existente entre a cultura reggae na sociedade ludovicense e o turismo desenvolvido na capital. Desta forma foi

possível compreender por meio das contribuições dos diversos autores (Silva, Freire, Brasil, Penha, Sousa e outros) o cerne do objeto do tema que motivou a pesquisa.

Quanto a coleta e análise dos dados a técnica utilizada foi a análise do conteúdo exploratório cujos principais pontos de destaque positivo é o reconhecimento do reggae como expressão cultural, o fato de corroborar com o desenvolvimento da cultura local, além de proporcionar um ambiente agregador, dentre outros. Em contrapartida, temos uma política culturalmente disseminada de promoção do reggae, no que se refere ao turismo, que se apresenta de forma deficitária, que ao longo do texto será explanado, com base no material bibliográfico que trata do histórico para a conclusão dos objetivos apontados neste trabalho.

3 A HISTÓRIA DO REGGAE COMO EXPRESSÃO CULTURAL

O reggae viaja nas notas da escala musical e se torna gênero melodioso na Jamaica, cujas características perpassam pela construção de um estilo que compreende as tranças rastafári¹, bem como as cores que representam o berço da cultura do reggae de raiz (vermelho, amarelo e verde); há que se salientar as origens da musicalidade, impregnadas de misticismo das músicas folclóricas, ritmos africanos, ska² e calipso, resulta em cadência dançante e suave de batida inconfundível.

O cenário que inspira suas letras nasce na trajetória do contexto histórico de um povo com rico acervo de questões sociais, muitas delas pertinentes ao modo de viver dos jamaicanos e suas dificuldades econômicas e crenças religiosas. Inicialmente o movimento segregava e rotulava seus participantes, a partir de um padrão comportamental que se tornou manifestação cultural uniforme da pulsação autêntica da dor (SILVA, 2016).

A ideia central de cultura indica conjunto de valores, símbolos, tradições, falas, comportamentos, costumes, práticas, mudanças e desafios que representam um grupo, um povo, capaz de transformar o legado de uma geração. A cultura do reggae diz sobre o ritmo e a identidade étnica de uma região com trocas culturais intensas, onde suas criações artísticas contam da construção musical de uma “minorias social”, dona de características peculiares, denunciando do racismo depressor (SILVA, 2016).

Os segmentos sociais produzem alternativas culturais, a partir de vivências únicas, que resultarão em novas marcas, construídas ao longo dos tempos que se materializam nas expressões verbais, danças, musicalidade, dentre outros componentes, que caracterizam o ritmo da identidade étnica e histórico-social. Nessa linha de raciocínio é pontual dizer que a apreensão dos elementos inspiradores da cultura reggae se dá nas comunidades que sustentam suas peculiaridades, particularizando os símbolos de representação coletiva (SILVA, 2016).

¹ Tranças rastafári: estilo de cabelo que se tornou muito popular a partir da cultura rastafári e especialmente com o sucesso de Bob Marley (Google, 2019).

² Ska: estilo vocal surgido na década de 1950 como uma mistura de música folclórica afro-jamaicana, calipso e rhythm and blues, caracterizado pelo acompanhamento de metais nos tempos fracos (Google, 2019).

O reggae jamaicano é instrumento de afirmação da identidade, revela uma situação específica de mobilização frente aos desafios sociais e a capacidade de elaborar suas próprias manifestações artísticas. O Reggae deve ser lido como um tipo específico de música popular, uma prática musical diversificada e muito mais abrangente. Acerca disso diz Silva (2016) *apud* Brandão (1976, p. 201):

Ao considerar inicialmente modos concretos de participação do grupo étnico minoritário em um sistema de relações inter-étnicas, é possível concluir que a sua ideologia étnica não reproduz, em estrito nível ideológico, as representações do grupo minoritário e dominante. O que ele produz é um modo próprio de participação do sistema e da sociedade [...].

Assim, a musicalidade advinda dos guetos³ instituiu a cultura reggae como interpretação das vivências sociais dos diversos povos que a constituem, bem como do próprio gênero musical. Dentro dessa conjuntura, termos como Jamaica ou Reggae têm significado diferente por representar indivíduos únicos, emergidos de características regionais singulares de uma região, país ou comunidade.

3.1 Jamaica: berço do Reggae no mundo

A famosa ilha caribenha, conhecida mundialmente com o codinome de Jamaica, é a terceira maior da região, localizada na América Central, no mar das Antilhas, a cento e cinquenta quilômetros (150 km) ao sul de Cuba e a cento e sessenta quilômetros (160 km) do Haiti. A capital é Kingston, com uma população estimada em três milhões e duzentos mil de habitantes. O idioma oficial é o inglês britânico, sua extensão territorial é de dez mil novecentos e noventa quilômetros quadrados (10.990 km²), com clima tropical e furacões ao final do verão e começo do outono (FRANCISCO, 2018).

A Jamaica é uma ex-colônia britânica, cuja independência data de 1962. Durante os primeiros duzentos (200) anos de domínio, tornou-se um dos principais exportadores de açúcar, o que a fez uma das nações dependente de escravos, mundialmente falando; a produção alcançou mais de setenta e sete mil (77.000) toneladas/ano (1820-1824). Ressalta-se que devido à grande quantidade de

³ Guetos: bairro de uma cidade onde vivem os membros de uma etnia ou outro grupo minoritário, devido a injunções, pressões ou circunstâncias econômicas ou sociais (Google, 2019).

vassallos trazidos ao território Jamaicano no período colonial, cerca de 90% da população nacional é descendente de escravos africanos (FRANCISCO, 2018).

O britânico fazia uso do trabalho escravo com excesso de zelo, o que se transformou em malefício, pois, no início do século XIX, o número de negros era aproximadamente dez vezes maior do que o de indivíduos brancos; surge então as revoltas e influências culturais locais, dentre elas, frisa-se a capoeira (luta e dança), o reggae (estilo musical) e o rastafári (doutrina religiosa) que prega a superação da opressão contra os negros e considera a Etiópia, país da África, sua nação sagrada (FRANCISCO, 2018).

A partir dessa realidade, a escravatura foi formalmente abolida. Com o passar dos anos, o grau de autonomia da Jamaica foi aumentado e, em 1958, passou a ser província de uma nação independente, chamada de Federação das Índias Ocidentais. Em 1962, emancipou-se e é hoje uma nação soberana. A economia é pouco desenvolvida, cujo principal expoente econômico do país é a agricultura, onde são cultivadas café, banana, cana-de açúcar, mandioca, tabaco, cacau, milho e frutas (FRANCISCO, 2018).

As indústrias de alimentos, tecidos, cimento e máquinas agrícolas têm destaque na economia local, a mineração também tem participação expressiva, por conta do seu principal produto, a bauxita; este ocupa a quarta posição no ranking mundial como atividade de exportação. O turismo possui relevância econômica, uma vez que atrai milhões de visitantes por conta da exuberância de suas praias (FRANCISCO, 2018).

Não há como não referenciar a indústria fonográfica, apesar de não fazer frente aos demais meios econômicos, possui participação ligeiramente expressiva na receita jamaicana. Nessa concepção, é salutar pontuar que culturalmente o país é caracterizado pelo sincretismo, oriundo da mistura de vários povos que estão na ilha desde a sua descoberta pelos espanhóis, no século XV.

A segunda Revolução Industrial, vivida nos anos 1950, faz cair as bases da economia do nascedouro do reggae, a economia agrícola cede espaço para a industrialização o que permite surgir o êxodo rural na direção de Kingston e adjacências. Trabalhadores rurais em busca de melhoria promovem a migração desenfreada, por conseguinte, há a eclosão de inúmeras favelas, onde a miséria, a

fome e o desemprego passam a ser o pano de fundo do cenário da violência (FRANCISCO, 2018).

O estilo de vida Reggae teve sua origem em meio à escravidão e ao sofrimento. Quem o ouve na atualidade, nem imagina que os poetas produziam com o intuito de acabar com o baixo astral de uma dura realidade, e que suas letras eram pouco dependentes da musicalidade. Sua ideologia cultural está extremamente ligada à luta contra a escravidão e o racismo, suas músicas eram feitas para levantar o ânimo do povo jamaicano (SILVA, 2016).

As tradições desses povos não se perderam com a industrialização, resistiram a todo tipo de repressão e mantiveram a prática religiosa, a dança e a música como elementos emblemáticos, impregnados na cultura jamaicana, sendo, pois, socialmente representados no Rastafarismo e no Reggae Music, marcas indelévels da identidade desse local. Para Silva (2016, p. 42) é necessário saber que:

[...], durante a escravidão africana na Jamaica, era a predominância de orquestras formadas por escravos, usados como animadores das festas promovidas pelos fazendeiros mais ricos, durante as férias (fim das colheitas, Natal dos negros, tempo de receio e bailes de gala). A abolição da escravatura na Jamaica, em 1938, deixaria, portanto, nos descendentes de africanos, profundas marcas rítmicas e culturais, que se tornariam os fundamentos ideológicos do reggae.

Não havia como deixar de pontuar esse importante fato, pois, os africanos escravizados compartilharam formatos musicais ouvidas em suas comunidades, que serviram de base para as músicas caribenhas. É esse contexto cultural e histórico que desperta os jamaicanos das imensas favelas como Trenchtown e Shantytown, os conhecidos “bairros de lata”, onde predominava o desemprego, a miséria e a violência, a aspirar à gravação de um compacto, a fim de conseguir mudar o cenário atual (SILVA, 2016).

A dura realidade vivida naquela época culminou alvoroço entre os jovens que influenciou a formação e gangues de rua, os “*rude boys*”. Eram jovens, com idade entre 14 e 30 anos, que segundo Silva (2016), dedicaram-se a transformar a vida de violência nas ruas numa carreira para toda a vida que, para grande parte deles a carreira era muito curta, ou seja, morriam bem novos. Outros deixavam crescer os cabelos e adotavam a filosofia rastafári, intitulando-se “rastamen”: indivíduo seguidor da filosofia Rastafari (ver figura 01).

Figura 01:Rastamen

Fonte: Google, 2019

O movimento que retratava a herança africana ganha força política, por meio de um pastor jamaicano chamado Marcos Garvey, fundador da Associação Universal para o Desenvolvimento Negro, lutou pela liberdade daquele povo, bem como pela salvação dos negros, através do repatriamento para a África, com o intuito de protegê-los da dominação branca. O pastor jamaicano, entretanto, ficou conhecido por profetizar que a chegada do Rei Negro seria a redenção e, então, os negros voltariam ao continente africano, o que poria fim à submissão branca.

Segundo Silva Em 1930 na Etiópia, Ras Tafari Makonnen, filho do Rei, foi coroado imperador da Etiópia e recebeu o título de Hailê Selassiê, o Rei dos Reis, devido ao fato de Selassiê ter sua descendência da família de Davi e vir da linhagem de Reis Etíopes oriundos do Rei Salomão. Logo fica confirmada a profecia de Marcus Garvey surgindo assim na Jamaica os primeiros rastafarianos como seguidores dessa profecia e adoradores de Hailé Selassié o “Deus vivo”.

A doutrina rastafari passa a ter grande força cultural e espiritual na Jamaica onde nascem as inspirações à produção musical das origens do reggae. Segundo Brandão e Duarte *apud* Lopes (2006, p.24):

O rastafarianismo tinha por objetivo revitalizar as formas de vida africanas e naturais entre os negros jamaicanos e de todo o mundo. Tal filosofia possui algumas correntes, pois é vista não somente como uma religião, mas um estilo de vida. Alguns hábitos são tomados como comuns entre eles baseados da interpretação do Velho Testamento, como dieta vegetariana e despreza os que comem enlatados ou carnes, fuma grande quantidade de ganja (maconha), pois acreditam encontrar um estado elevado de consciência e purificação da alma, o uso dos cabelos compridos que diz que

‘nenhuma lâmina deverá tocar a cabeça do justo’, uso de roupas coloridas e exóticas.

Os ‘rastas’ eram temidos e perseguidos pela polícia, em virtude do estilo de vida de muitos jovens que viviam à margem da sociedade na aula estavam inseridos, cujas causas seriam o desemprego e criminalidade. Por tempos foram considerados como fora da lei, drogados e comerciantes de ganja (tabaco, erva santa). O rastafarianismo tornou-se um movimento popular na Jamaica, representando uma identidade cultural de oprimidos que adotou o reggae como símbolo da expressão de suas dores e angústias.

Não existe um significado concreto para a palavra reggae, porém, alguns estudiosos alegam surgir da mistura das línguas afro-caribenhas e inglesa, significando raiva ou desigualdade, porém, vale dizer que essa colocação não tem validação científica, sendo assim, originada no senso comum. A palavra foi utilizada oficialmente pela primeira vez em 1968, em um disco do grupo “*Tools and Maytals*”, denominado “Do the reggae” o vocalista do grupo Toots Hibbert, definiu-a como “vindo do povo” ;Bob Marley acreditava que queria dizer “música dos reis”, os mais antigos músicos daquela época dizem ter sido uma gíria comum nos guetos de Kingston, que quer dizer “coisa de rua”, outros dizem ser uma adaptação da palavra *Raggæd* usada para designar uma “roupa suja”, ou quem usa.

Como exemplo de rastafarianismo temos os famosos, responsáveis pela disseminação mundial do reggae os ícones como: Bob Marley, Peter Tosh, Jimmy Cliff, Desmond Deck, Jacob Muller e outros (ver figura 02), que embora menos famosos, contribuíram favoravelmente para a universalização do reggae.

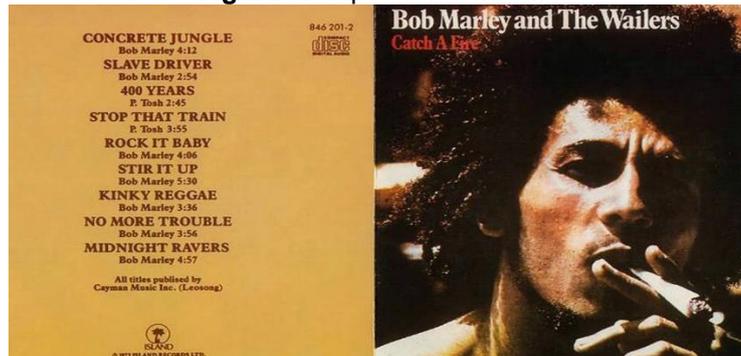
Figura 02: Disseminadores do Reggae



Fonte: Google, 2019

A expressão máxima do reggae jamaicano no mundo está com Robert Nesta Marley que com a banda “The Wailers”, foi responsável pela explosão do reggae para além das fronteiras da Jamaica. O sucesso internacional dos “Wailers” e a expansão mercadológica do reggae para além da pequena ilha do Caribe só foi possível, após, o grande sucesso do álbum “Catch a Fire” (ver figura 03), lançado em 1972. O disco foi todo gravado em oito canais, como era comum nos estúdios de Kingston.

Figura 3: Capa do Catch a fire



Fonte: Google, 2019

A sonoridade extraída é bem características do reggae jamaicano da época. (BRASIL, 2014). Após isso, abriram-se portas aos vários cantores e compositores, que começaram a excursionar e editar seus discos fora do país com uma nova proposta, arrebatando o resto do mundo com mensagens contra a discriminação racial naquele período.

3.2 A chegada do Reggae no Brasil/ Maranhão: a força dos anos de ouro, décadas de 80 e 90

Antes dessa absolvição musical no Maranhão, vale ressaltar que o presente ritmo, assim falado, paira sob ares brasileiros nos anos de 1969 quando o cantor Jimmy Cliff veio ao Brasil para participar do III Festival Internacional de Canção (FIC) no Rio de Janeiro (MAHAL, 2012).

Logo após, em 1970 o Bob Marley despontou para o mundo e alguns músicos passaram a tentar desvendar maneiras de reproduzir o ritmo jamaicano. Mahal (2012) descreve que os cantores como o Caetano Veloso ao gravar “*Nine out of ten*” em 1971 em seu disco *Transa* (ver figura04) onde coloca não numa tentativa de

reproduzir o ritmo, mas sim, arranjos de introdução como violão e bateria que remetem ao ritmo tropical.

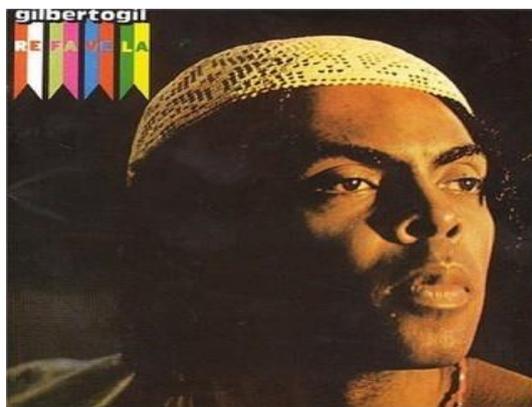
Figura 4: Capa do disco Transa



Fonte: Google, 2019

É possível que esta tenha sido a primeira vez que a palavra reggae foi dita dentro da música brasileira. No mesmo período é sabido que o cantor Gilberto Gil não mostrava interesse pontual pelo som jamaicano quanto o Caetano, mas ambos moravam em Londres quando foram exilados do Brasil pelo regime militar (1964) e foram apresentados ao ritmo. Gil com o disco Refavela (1977) arrisca a linguagem do reggae, mas não se explicita muito, em seguida grava a música “*No woman no cry*”, de Marley, em compacto (ver figura 05), versão essa que se tornou um grande sucesso no Brasil com mais de 500 mil cópias vendidas.

Figura 5: Capa do disco Refavela

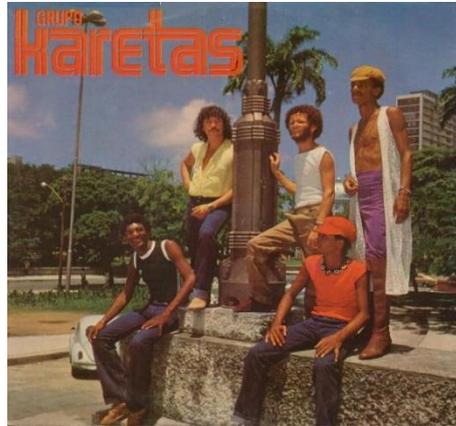


Fonte: Google, 2019

Ao mesmo tempo alguns estados como o Maranhão, Pará e Bahia, começaram a manifestar profundo interesse pelo ritmo, o qual passou a ser trazido

por mãos de vendedores de discos importados, logo surgiram as primeiras bandas de reggae no cenário nacional. No final dos anos 1970 em Recife surgiu o Grupo Karetas (ver figura 06), considerada a primeira banda de reggae do Brasil.

Figura 6: Capa do disco do Grupo Karetas



Fonte: Google, 2019

Em 1988, Edson Gomes, nascido na Bahia, um artista apontado como o pioneiro do reggae no Brasil. Seu primeiro disco fora lançado com o título "Resistência e Reggae", cujas canções ecoam por todo o Brasil. Muitos grupos surgiram na metade dos anos 1980, inclusive no Maranhão, como a banda Tribo de Jah (ver figura 07) que conseguiu fortalecer o ritmo no local. Com o fortalecimento do cenário do reggae em nosso país, esses grupos e bandas começaram a fazer shows tanto no Brasil quanto na Jamaica, Argentina, países europeus, entre outros (CANAL REGGAE, 2015).

Figura 7: Capa do disco da Tribo de Jah



Fonte: Google, 2019

Vale ressaltar que as ondas do reggae conseguiram alcançar grande sucesso, desse modo, na década de 1980, o Rock se mistura ao Reggae, através da banda Paralamas do Sucesso. E em 1986, no Rio de Janeiro, nasceu uma das bandas que ajudou a fortalecer ainda mais essa “miscigenação”: o Cidade Negra, que em 1992, viajou até Montego Bay, na Jamaica, para tornar-se o primeiro grupo de artistas latino-americanos a participar do Reggae Sunsplash Festival (festival de música reggae que teve início em 1978, no norte da Jamaica, virou atração levando turistas do mundo inteiro; com durabilidade entre 1978 a 2006).

É através desse fortalecimento do cenário nacional e das participações de brasileiros fora do país, que a quantidade de bandas se multiplicou nos anos de 1990, cujos destaques são o Adão Negro, Alma Djem, Natiruts e Planta & Raiz. É quase impossível definir o que determinou a adoção do reggae pela população maranhense, o que se sabe é que o ritmo se espalhou principalmente entre os bairros periféricos da capital de modo excêntrico.

Segundo Freire (2012) *apud* Silva (1995), o reggae em São Luís tornou-se um fenômeno de identificação da juventude negra da periferia, o antropólogo salienta haver na cidade uma população predominante negra, com raízes africanas e algumas características culturais semelhantes às da Jamaica, o que figura como a razão do reggae ter sido acolhido por questão de gosto e identificação étnica.

Ainda sobre essa identificação, Segundo Silva (2016) nos relata que, o gosto da população, em sua maioria, negros, cria uma identidade muito forte entre esses povos. O gosto da comunidade regueira de São Luís pelo reggae tem a ver com o apelo emocional que ele transmite, os cantores cantam com uma espiritualidade que toca as pessoas, que traduza intrínseca identidade entre São Luís e Jamaica; por fim, não precisa entender o idioma para sentir esse apelo emocional. Ainda para o autor, o ritmo merengue é uma dança comum nas festas dos povoados negros do interior do estado. Considerando que a população que habita as periferias da capital é formada, na grande maioria, por grupos que migraram da zona rural, há então, uma predisposição entre eles para a aceitação dos ritmos caribenhos, o que facilitou a difusão destes durante os anos de ouro (SILVA, 2016).

A história do reggae começa a ser incorporada na capital maranhense nos anos de 1970, consta que são várias as versões de como se deu sua trajetória até aqui, uma vez que não existe registro temporal exato de quando e de como chegou.

Uma das hipóteses mais aceitas é a que diz que os primeiros discos foram trazidos por navegantes vindos da Guiana Francesa para aportarem em Cururupu.

Quando se encontravam em terra firme faziam propostas de trocas dos discos de vinil de reggae e outras músicas caribenhas por pratos de refeições e bebidas ou para pagar prostitutas, a donos de bares, no Porto do Itaqui, em São Luís. A outra versão é de que a música também chegou via rádio de ondas baixas e rádio amadores que captavam diversos ritmos das Américas, inclusive do Caribe.

De acordo com pesquisadores que tratam da historicidade da trajetória do ritmo jamaicano em São Luís, a maioria dos donos de radiolas atribuem ao DJ José Ribamar da Conceição Macedo o pioneirismo de tocar o reggae nas festas da Ilha do Amor. O DJ era discotecário de um salão de festas localizado no bairro da Areinha, a região onde está situado o bairro, na época, é formada por palafitas⁴ e habitada por uma grande população negra, de baixa renda, parte da periferia ludovicense (SILVA, 2016).

Seus primeiros contatos com o ritmo reggae foi entre 1969 e 1970, através de Carlos Santos, um empresário paraense de comunicação, que vendia discos usados, sistema de aquisição muito comum no Nordeste, conhecido por “feirão de discos”⁵ (FREIRE, 2012).

A atuação de Riba Macedo não era como “radioleiro”⁶, pois, não possuía radiola, apenas conseguia os discos e levava para tocar nas festas promovidas por “radioleiros” mais antigos, como o Carne Seca e Nestábulo, em vários locais na ilha de São Luís. É a partir dessas ações que o gosto pelo estilo musical apresentado pelo DJ Riba toma forma e marca as pessoas que apreciam sem nem saber o nome das músicas tocadas. Segundo ele, “as pessoas gostavam, porque era música lenta e na época, não se sabia separar o que era reggae, o que era música lenta, dançava-se sem fazer distinção” (FREIRE, 2012).

Nas regiões Norte e Nordeste os ritmos preferidos eram forró, merengue etc., que se dançava “agarrado”. O bolero também era muito dançado, os mais apreciados eram os dos intérpretes (Altemar Dutra, Agnaldo Timóteo e Nelson Gonçalves), vale ressaltar que a música estrangeira não tinha muita penetração,

⁴ Palafitas: conjunto de estacas que sustentam habitações sobre a água (Google, 2019).

⁵ Feirão de discos: pequenas lojas onde os discos são espalhados pelo chão ou colocados em exposição ao longo de uma parede, sendo vendidos a preços populares (FREIRE, 2012).

⁶ Radioleiro: Eram os donos das radiolas de reggae (FREIRE, 2012).

com exceção para o merengue, considerado música estrangeira (vinha da Guiana Francesa), que só era aceito porque o modo de dançar se assemelhava aos passos do forró nordestino, executadíssimo nas festas. Nas outras regiões, principalmente Sul e Sudeste, a preferência da população jovem eram os ritmos mais acelerados, como o rock ou a discoteque e até mesmo o funk, que preferencialmente se dança solto (SILVA, 2016).

Em 1974, Riba já havia se tornado “radioleiro” e passou a ampliar sua radiola, batizada com o nome de Som Guarany, especializou-se na compra de discos de reggae importados. Os discos eram comprados em São Paulo, porém, suas fontes não podiam ser reveladas, a fim de assegurar a exclusividade; nesse período começa a existir, discreto, mas pontual controle de mercado, promovendo assim, rivalidade entre “as personagens” que dominam o universo reggae em São Luís (SILVA, 2016).

Com o advento do *tape deck*⁷, cuja chegada data de 1975 nas lojas, apontado por Riba Macedo como fator relevante no processo de dinamização do reggae na capital maranhense, as pessoas começaram a comprar fitas para gravar e, desse modo, se espalhou entre os ouvintes sem condições de adquirir os discos que eram importados, de difícil acesso e caros. Antes disso, as festas eram feitas somente com uso de discos de vinil e as primeiras radiolas funcionavam com válvulas, não havia radiolas transistorizadas em São Luís. Segundo Silva (2016), Riba Macedo foi a primeira pessoa a ter uma radiola transistorizada na ilha.

No entanto, os anos de ouro do reggae estão entre os anos de 1985 a 1995, período áureo de consagração das radiolas (sistemas de som), com grande quantidade de caixas, variando entre sessenta (60) e oitenta (80) caixas acústicas muito sofisticadas, contendo monitores televisivos em circuito fechado nas festas. É importante enfatizar que são as radiolas que mobilizam os regueiros em São Luís, estes levam diversão e vida às festas, circulando pelos salões da periferia urbana da Ilha do Amor, como também em algumas regiões da zona rural.

A expansão do movimento regueiro culminou na proliferação do número de radiolas (ver figura 8) e clubes de reggae na cidade que chega a ter mais de oitenta (80) radiolas para cem (100) clubes especializados no ritmo jamaicano. Essa multiplicação contribuiu ao ponto de o reggae se espalhar por quase todos os bairros

⁷ Tape deck: são equipamentos caseiros de áudio que permitiram a reprodução de gravações estereofônicas de música pré-gravada no ambiente doméstico (SILVA, 2016).

da cidade, o que oportunizou a uma grande fatia da população de baixa renda ter acesso à opção de lazer especializada, bem como condições de conhecer as novidades, ainda que não possuísse recursos para comprar os discos do som jamaicano.

Figura 8: Radiola de Reggae



Fonte: Google, 2019.

As radiolas, tanto quanto os salões de reggae, têm papel importante no processo de expansão dos anos dourados em São Luís. O “Pop Som”, localizado no bairro Jordoa, considerado pelos regueiros como o mais antigo clube de reggae na Jamaica Brasileira, começou suas atividades por volta de 1975, mas somente em 1982 passou a tocar exclusivamente reggae.

Junto com a história dos salões de reggae, registra-se uma série de atos de invasão aos salões pela polícia, cuja principal justificativa é a de que esses espaços são locais de grande concentração de marginais e desocupados, portanto, as ações policiais tinham o objetivo de prender possíveis suspeitos, assim como drogas e armas.

Segundo Silva (2016), por se tratar de um tipo de música produzida por negros jamaicanos e utilizada como veículo de protesto contra a opressão e o racismo, o reggae é considerado em São Luís como o foi em outros países, perigoso e ameaçador da ordem social. Assim, com a intervenção violenta nas festas, as elites dominantes visam bloquear às possibilidades de a população regueira construir seus próprios caminhos de identificação.

A massa que frequentava os salões de reggae se caracterizava como uma força de preservação do “roots”⁸ em São Luís, dado importante que deve se destacar é que a comunidade regueira da capital maranhense não tem nenhuma identificação com o reggae produzido no Brasil, a preferência é exclusiva pelo som original da Jamaica.

A estrutura dos salões, em geral, é muito precária (figura 9). São barracões de madeira ou alvenaria, com as portas de entrada bastante estreitas, para evitar “invasões de penetras” e, por outro lado facilitar a revista de quem os adentra. Alguns salões mantêm entradas separadas para homens e mulheres onde todos são revistados indiscriminadamente (SILVA, 2016).

O espaço de realização das festas de reggae reflete as características desse território, vez que a maioria dos salões está situado na periferia da cidade, área considerada marginal, não apenas do ponto de vista geográfico, mas, principalmente, do ponto de vista social e político. Essas regiões não possuíam nenhum benefício social, faltava água nas casas, as ruas sem rede de esgoto e o sistema de transporte precário ou às vezes inexistente. Os habitantes desses bairros, em sua grande maioria, são oriundos do interior do Maranhão, da zona rural, que por várias razões deixam seus locais de origem para tentar a vida na Capital.

Figura 9: Estrutura de salões de Reggae de modo geral.



Fonte: Google, 2019.

Na década de 1980, surgem os primeiros programas de reggae na rádio AM e FM e, posteriormente na televisão. Segundo Silva (2016, p. 85) o primeiro programa especializado em reggae, em São Luís, foi o “Reggae Night”, que foi ao ar entre os anos de 1984 e 1986, por Ademar Danilo e Fauzi Beydoun (ver figura 10):

⁸ Roots: Reggae jamaicano (SILVA, 2016)

Somente a partir do “Reggae Night” começaram a ser produzidos outros programas que, além das músicas, apresentam comentários sobre os principais fatos relacionados aos cantores de reggae da Jamaica e divulgam festas que acontecem semanalmente em São Luís.

Os programas, em sua maioria, eram criados por donos de radiolas, de clubes e pessoas já envolvidas na difusão do reggae. Esses programas possuíam formatos onde o DJ usava uma linguagem própria para o público alvo, criavam termos próprios para identificar os elementos do reggae e do regueiro, como também para anunciar festas e novos “melos” (melodias).

Figura 10: Da esquerda para a direita, os DJ's Fauzi Beydoun e Ademar Danilo.



Fonte: Google, 2019.

A “massa regueira”, formada por pessoas das camadas populares de baixa renda, negros subempregados, empregadas domésticas, lavadores de carros, entre outros; que se constitui a maior contribuição das programações radiofônicas, principalmente, pela possibilidade de acesso às músicas, pois, em geral, essas pessoas não têm condições de adquirir discos (SILVA, 2016). Desse modo, através dos programas elas podem ouvir reggae todos os dias nos próprios locais de trabalho e gravar fitas cassete, com as melodias de sua preferência.

Vale ressaltar que perdura por um pouco mais que uma década a marginalização do reggae pelas mídias hegemônicas do Maranhão e pela sociedade em geral, seu sucesso fica restrito apenas às classes mais populares. No entanto, isso não significa que a indústria regueira já não estivesse trabalhando intensamente, a fim de gerar lucros a donos de radiolas e promotores de festas, o que resultou em conquista de um público cada vez maior. Ainda na década de 1980, apesar do reggae ser excluído da grande mídia, surge a expressão “Jamaica Brasileira”, título ganho quando o ritmo se disseminou por todos os cantos da

cidade, e se tornou febre entre a população que apreciava o estilo musical (FREIRE, 2008).

Devido ao orgulho pelo primeiro e imponente apelido da Ilha de São Luís, que repercute por muitos anos, surge uma onda de repúdio da classe elitizada que não aceita o fato de São Luís estar sendo definida desde a década de 1980 como a “Jamaica Brasileira”, onde acontecem marcantes reivindicações que apagam as características europeias de São Luís advindas da cultura letrada (fato histórico que coincide com o retorno dos filhos dos comerciantes de seus longos períodos de estudos na Europa, estes traziam em sua bagagem costumes de uma cultura erudita, alcunha sustentada com muito orgulho por gerações de intelectuais maranhenses); nessa época a capital do Maranhão carregava o apelido de “Atenas Brasileira”, por conta dos expoentes nomes da literatura brasileira gerada em São Luís, como: Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa, Odorico Mendes, Aluísio e Arthur Azevedo, entre outros.

. Torna-se intragável a aceitação de mais uma “Jamaica” negra e pobre, com destaque na mídia, as elites sentem-se incomodadas, pois, a identificação com a Jamaica remonta mais a África que a Europa. Conforme destaca Freire (2012) *apud* Araújo (2009, p. 50):

Antes de ser conhecida como Jamaica brasileira, título que até hoje a gente reluta em aceitar, São Luís era conhecida como Atenas brasileira. Então vejam, a gente sai da Grécia dos templos de mármore, do Mediterrâneo, e cai no mar do Caribe, explorado e colonizado. De Atenas brasileira, dos livros, das letras, dos escritores, a gente cai na Jamaica brasileira. Até hoje os intelectuais maranhenses não engolem muito bem isso não.

Ainda sobre as críticas contra o reggae expresso na imprensa maranhense, há um artigo que causou muita polêmica, escrito por um professor de língua portuguesa, publicado no jornal o Estado do Maranhão; seu discurso continha forte intolerância com a linguagem adotada pelos apresentadores de programas do estilo musical nas emissoras de rádio, acerca disso vale ressaltar o que diz Silva (2016, p. 122):

No momento em que os meios de comunicação maranhenses passam a cognominar a nossa São Luís não mais de “Atenas Brasileira”, mas de “Jamaica Brasileira”, urge que se repudie tamanho e tão deplorável abuso [...], não se conhecem, na história da Jamaica, feitos nos campos das letras, artes e ciências. Sabe-se das lutas de seu povo contra os colonizadores ingleses, que tiveram que reprimir várias rebeliões, mas que concederam, finalmente, independência à ilha [...], por outro lado, a Grécia antiga

continua sendo o ponto de referência para a cultura ocidental entre as cidades, [...] cresce e expande-se a Atenas. Os intelectuais por elas são atraídos [...] nas artes, nas letras, na política, na filosofia, Atenas transforma-se e desenvolve-se profundamente [...] muitos séculos depois, pontifica, em São Luís do Maranhão, uma plêiade de intelectuais jamais congregada numa única e pequena cidade [...] foi por isso que São Luís muito justificadamente, passou a ser cognominada de Atenas Brasileira, assim reconhecida e festejada em todo Brasil [...] eis que a ignomínia parece contagiar a cidade, profanando a sua cultura, maculando um passado de fastígio literário e artístico [...] doravante será esquecida a “Canção do Exílio”, poema que Gonçalves Dias, cheio de amor ao Maranhão, escreveu aos vinte anos de idade e que se tornou símbolo do nacionalismo [...] e tantos outros “atenienses”, cuja ação criadora analisou a vida humana e interpretou a realidade brasileira [...] protesta-se [...] contra o insulto à memória maranhense

Em contrapartida, como resposta a essa publicação que causou muita indignação entre os adeptos do reggae, escreveu o militante do Movimento Negro, Magno Cruz, no mesmo jornal, em 1991, segundo Silva (2016, p. 123) o seguinte:

A história racista que nos impingiram ao longo de nossa vida esmoteia de forma sórdida que as “avançadas” civilizações grega e romana têm suas raízes calcadas na civilização africana, ou seja, toda cultura ocidental – o que nos ensinaram a ter como modelo de perfeição – é o reflexo das culturas de povos africanos, que, ao longo dos séculos, foram aniquilados pela ambição branca (...). O reggae, Mestre Ubirajara, é, pois uma das formas de resistência cultural do povo negro no embate com o etnocentrismo europeu (grego/romano). A maioria dos negros brasileiros sem acesso aos meios de conhecimentos acadêmicos (ler e escrever) desenvolveu outras formas de expressar sua intelectualidade, buscando a música, a dança, o canto, etc. – coisas que os racistas denominaram “folclore”, “cultura popular” e por aí vai (...) a identidade cultural do reggae é a mesma do Boi, do tambor de crioula, do Divino; logo a “invasão” do reggae só é perigosa na cabeça de quem não quer entendê-lo como elemento intrínseco da identidade cultural de um povo.

A fim de manifestar seus pensamentos e posicionamentos acerca da discussão do título mais cabível para representar culturalmente a cidade dos amores, foram escritos outros tantos artigos denunciando a forma discriminatória com a qual o reggae é visto pelas elites, muitos debates sobre a autenticidade dos títulos “Jamaica” e “Atenas” aconteceram nos meios de comunicação. Após a publicação da obra de Silva, em 1995, “Jamaica Brasileira” passa a ter mais aceitação por parte da comunidade acadêmica, sobretudo, por intelectuais que lutam pelas causas dos afrodescendentes (FREIRE, 2008).

O fato é que o título não se sabe ao certo de onde veio, entretanto, alguns estudiosos apontam que o vocalista da Tribo de Jah, Fauzi Beydoun foi o autor da expressão “Jamaica Brasileira”. Ele teria criado o termo quando apresentava o

programa Reggae Night, na rádio Mirante FM, na década de 1980. Apesar de toda a controvérsia, o termo ganhou espaço e passou ser motivo de orgulho para alguns setores sociais, mesmo com toda oposição (SILVA, 2016).

Sendo difundido cada vez mais por frequentadores de clubes periféricos da cidade, TV, rádio e por alguns intelectuais do meio acadêmico, através de pesquisas acadêmicas desde os anos de 1990, que o turismo e a mídia adotaram como forma de publicitar os seus próprios interesses; a utilização do termo nos meios de comunicação de massa em São Luís facilitou a aceitação do ritmo, e o tornou elemento importante na cultura do estado.

3.3 As peculiaridades do Reggae ludovicense

As semelhanças étnicas e sociais entre São Luís e a Jamaica conferiu crescente apreciação do reggae, onde seus principais consumidores é a população negra, etnia predominante no estado do Maranhão, bem como em sua capital (SILVA, 2016). O que faz existir um forte elo entre os apreciadores, a partir do intenso apelo emocional impregnado no ritmo. Não há como determinar qual é o fator preponderante na adoção do reggae como música identitária dos bairros periféricos da “Jamaica brasileira”.

Depois do Rio de Janeiro e Salvador, somos a terceira maior comunidade negra do Brasil, na “Ilha do amor”⁹, diferentemente das cidades já mencionadas, para os quais o reggae é envolvimento político da filosofia rastafári e estudo como fator de cunho social, respectivamente, o envolvimento ludovicense se dá com as “batidas” da sonoridade musical do compasso jamaicano. Os cantores cantam cheios de espiritualidade que toca a alma e promove aliança entre São Luís e Jamaica, conforme já fora citado antes. De acordo com Silva (1995, p.79):

Com relação à construção e valorização da identidade, o reggae, em São Luís é, sem dúvida, o elemento de identificação da juventude negra, que assim o elegeu desde a década de 70. Uma primeira característica importante do movimento regueiro maranhense a ser citada é que, até hoje, a comunidade regueira de São Luís dança preferencialmente ao som dos reggaes jamaicanos produzidos nos anos 60 e 70 (o que não acontece mais, uma vez que, na Jamaica, a atual tendência é o dance hall, um reggae mais eletrônico) e ainda manifesta um menor interesse pelos reggaes brasileiros. “A preferência é exclusivamente pelo reggae original da Jamaica”.

⁹ Ilha do Amor: Termo poético dado à capital Maranhense (Google, 2019).

É interessante como alguns dançarinos conseguem dançar por um longo período, “colados” às caixas de som, seduzidos pelo embalo contagiante do som envolvente que invade o interior e faz com que as dificuldades sejam inexistentes nesse momento. Outra peculiaridade a ser destacada é a predileção que o ludovicense tem por músicas mais vagarosas, que evocam uma atmosfera mais apaixonada; “[...] não existe entre os regueiros de São Luís uma ligação forte com Bob Marley. A preferência é por outros cantores considerados mais românticos, como John Holt, Gregory Isaacs, Erick Donaldson, entre outros”. (SILVA, 1995, p. 94).

É importante destacar um fator relevante considerado como singularidade das “pedradas ludovicenses¹⁰” é a similaridade do reggae roots (executado nos salões de São Luís) com outras manifestações culturais como o bumba meu boi, uma vez que a célula rítmica do roots é equivalente ao sotaque do “boi da baixada”. A pulsação feita pelo contrabaixo elétrico e pelo bumbo é a mesma do pandeirão e dos blocos tradicionais da cidade.

As festas são marcadas pelo dançar “agarradinho” (ver figura 11), alguns pesquisadores indicam que essa é mais uma particularidade dos regueiros da “Jamaica Brasileira”, estes, embora desconheçam a letra, ao ouvirem sua cadência mais lenta buscam seus pares e se movimentam num intenso deslizar de corpos, envoltos em uma esfera carregada de sensualidade. Outra diferença marcante é a dança individual e coletiva que não acontece em outros lugares como na capital do Maranhão, pois, mistura passos do forró, do merengue e do bolero, sem deixar de citar as coreografias em que trios, quintetos ou mais criam coreografias e dançam sincronizadamente (SILVA, 2016).

¹⁰ Pedradas Ludovicenses: Forma como são conhecidas as melhores músicas de reggae tocadas pelos disk-jockeys (DJ) em São Luís (SILVA, 2016).

Figura 11: Dançando reggae agarradinho



Fonte: Google, 2019.

Ainda acerca das peculiaridades do reggae ludovicense, é importante lembrar o dia 05 de setembro de 2009, no Dia Municipal do Regueiro, na praça Maria Aragão, o encontro do bumba meu boi com o reggae sagrou-se com a apresentação da banda Filhos de Jah, onde a música “Boizinho regueiro” é tocada, acompanhada de um boi com couro temático do reggae. A fusão foi tão única que o miolo¹¹ se tratava de um dançarino profissional de reggae, vestido a caráter (com calça de listras horizontais, colete colorido e boina com as cores do ritmo). De acordo com Freire (2012, p. 65):

A diversidade é a soma das culturas. Taí o boizinho regueiro. Invenção nossa. Tinha que ser invenção nossa. Porque senão alguém aí fora inventava e a gente ia aplaudir. Mas bumba meu boi regueiro tinha que ser do Maranhão. Palmas pro boizinho regueiro! [...] foi apresentado pela primeira vez dia 19 de junho de 2009, na festa junina Filhos de São João & o Boizinho regueiro do Maranhão, na Vila Palmeira, idealizada por Araújo. No repertório, ouviu-se uma mistura dos ritmos, com toadas, canções de Música Popular Maranhense (MPM) e reggaes: [...].

Essa forte ligação entre o bumba meu boi e o reggae só existe na Ilha do Amor, no entanto, não se tornou manifestação cultural que represente, de maneira especial, a cultura reggae e a festa junina. O espaço físico para cada uma dessas manifestações é único e se define por seu público específico, entre alguns frequentadores de casas de reggae, a fusão não tem tanta importância, pois, o regueiro curte muito mais estar em um clube de reggae do que participar das apresentações de bumba meu boi e demais representações da cultura popular maranhense.

¹¹ Miolo do boi: é um brincante que fica dentro da carcaça do boi, dançando, rodopiando, como forma de conferir “vida” ao símbolo. Por fora a carcaça possui um tecido bordado com o tema.

De acordo com Freire (2012), os melôs são fruto da competição existente entre os donos de radiolas que chegavam a guardar seus acervos sem as capas dos vinis, a fim de resguardar o cantor ou banda. Daí, as canções em São Luís serem intituladas de melô, dentre as quais temos: Melô da Toca da Praia, Melô da Chuva, Melô de Antônio José, Melô da Priscila, da Dançarina, dos Namorados, da Barraca de Pau, do Anil, de Serralheiro, e outros que fizeram história na “Jamaica Brasileira”, o mais interessante é que a autoria desses melôs é ignorada pelo público, o que se sabe é que a maior parte delas é de origem jamaicana.

Os melôs aproximam a maioria dos fãs que não entendem inglês, de um novo sentido às músicas, que passam a ser identificadas facilmente, tal significado é construído pelo radioleiro em parceria com o DJ, que ao utilizar um trecho da letra que se pareça com alguma palavra em português, cria a identificação do som, através da adaptação fonética, criando assim, uma ressignificação dos símbolos fonéticos.

Um dos exemplos mais famoso é a Melô do caranguejo, da banda *Andrea True Connection*, cujo nome original é *White Witch*; o refrão é a parte que deu a possibilidade de mudança, uma vez que o regueiro ludovicense ao escutar “*White witch is gonna get you*” (a bruxa branca vai te pegar), “entende”, de modo particular, “olha o caranguejo”. Outros, porém, são homenagens a mulheres ligadas aos DJs, a locais onde o reggae era predominante (melôs da Ponta d’Areia e do Anil), às pessoas que fizeram a história do reggae um fenômeno na capital maranhense (melô de Marcos Vinícius)¹².

Os melôs que mais faziam sucesso, que conquistavam os regueiros pela sua força e pela apreciação da música de boa qualidade, eram denominados de: “pedrada, tijolada, pedra de resposta”, estes bastante conhecidos pela “Jamaica Brasileira”. Geralmente, são reggae roots, que na maioria das vezes, é dançado agarradinho. De acordo com Selektah *apud* Freire (2012), “tem músicas que só tem aqui em São Luís, nem na Jamaica tem mais, são vinis que só saíram 200 cópias na época, de bandas que só gravaram aquilo e nada mais”.

A musicalidade peculiar do ritmo na “Jamaica Brasileira” não se confunde com nenhum outro lugar do mundo, ainda que esta seja fruto do reggae-raiz. Em São Luís há um acervo único que embala aos regueiros que sustentam o movimento, a

¹² Marcos Vinícius: Apresentador de programa de reggae no rádio e integrante da equipe da radiola Super Itamaraty (REVISTA PHILOLOGUS, Ano 10, Nº 28, 2004).

massa regueira fidelizou alguns melôs por pura paixão e afinidade com as “pedras preciosas”, entregues pelos radioleiros nas festas, estes buscavam o melhor do sucesso do reggae roots.

Vale ressaltar que a cultura e o reggae se consolidam como universo de consumo, do qual emerge parte do turismo cultural na capital maranhense, a fim de atender aos anseios, gostos e tendências de uma população específica, resultante da aculturação dos elementos da cultura jamaicana, no que se refere ao contexto de seu gênero musical e de toda a sua história de lutas e resistência.

4 CULTURA E REGGAE: relação de consumo voltado para o turismo

Os encontros culturais da atualidade são marcados pela globalização da cultura popular, esta resulta de atos e costumes que se formatam de geração em geração, pode ser ainda fruto de manifestações, expressão de desejos, ideologias e filosofia de vida de cada indivíduo enquanto parte da esfera que organiza a cultura local, desse modo, nessa conjuntura a indústria cultural atende a todos os gostos, tendências, dando aos indivíduos tratamento singular, a fim de potencializar a diferença, em detrimento da padronização. “Trata-se por toda parte de substituir a unicidade pela diversidade, a similitude pelas nuances e pequenas variantes, compatível com a individualização crescente dos gostos” (FREIRE, 2008. p. 1).

Acerca disso pode ser dito que as contribuições advindas dos diversos segmentos da indústria cultural, dão forma à cadeia produtiva de desenvolvimento da oferta turística, conferindo aos roteiros riqueza singular, com o intuito de globalizar a cultura popular e dinamizar a comunicação entre indivíduos sociais que contribuem com todo o conjunto de suas experiências de vida, contados pela história de cada geração.

A ideia de cultura implica na compreensão de valores, ideias, artefatos e demais signos que figuram como suporte para que as pessoas que compõem uma sociedade possam estabelecer a construção da comunicação histórico-social, advinda das experiências abstratas, como: interpretações, atitudes, avaliações e religião. Já Meneses (2002, p. 92) informa que:

Cultura é um universo historicamente criado, os sentidos e valores que o sustentam precisam ser explicitados, declarados, propostos. Em outras palavras, os valores culturais não são espontâneos, não se impõem por si próprios, não nascem com o indivíduo, não são produto da natureza. Decorrem da ação social. As relações e opções feitas pelos indivíduos e grupos para serem socializados e se transformarem em padrões, necessitam de mecanismos de identificação, enculturação, aceitação.

A sociedade, aldeia global, onde a integração cultural se relaciona com as diversidades de cada indivíduo, tendo por pano de fundo o consumismo, a desigualdade de classe e demais fatores naturais considerados como benevolentes dentro dos grupos sociais que solidificam a indústria do consumo, vale ressaltar que os padrões do contexto sociocultural contribuem para a construção do gosto socializado.

Cultura diz sobre variedade de acontecimentos, sob a perspectiva de um extenso conjunto de abordagens, capaz de fornecer às várias especificidades científicas que pesquisam a evolução das sociedades, elementos que atribuem significados e sentidos para os estudos do universo cultural. Diz respeito à forma de vida, dentre as quais está o trabalho como atividade ligada ao desenvolvimento humano, capaz de gerar prazer e liberdade.

A cultura é recurso e fonte de desenvolvimento, nessa perspectiva, vale salientar que os benefícios que dela advém é indissociável do seu papel de força motriz de riquezas simbólicas que sejam o foco principal do estímulo à cultura, a fim de perseguir o crescimento, a partir de condições apropriadas para o incremento da diversidade de formas de se promover o consumo das manifestações culturais. Para Lima (2006, p. 4), a dimensão do desenvolvimento cultural deve considerar que:

A cultura constitui uma dimensão fundamental do processo de desenvolvimento e contribui para fortalecer a independência, a soberania e a identidade das nações. O crescimento tem sido concebido frequentemente em termos quantitativos, sem levar em conta a sua necessária dimensão qualitativa, ou seja, a satisfação das aspirações espirituais e culturais do homem. O desenvolvimento autêntico persegue o bem-estar e a satisfação constantes de cada um e de todos.

O homem precisa viver de maneira integral, para tanto, há a necessidade crucial de tempo livre, este deve ser aproveitado para repor as energias, banir a fadiga, gerar diversão e satisfação. O entretenimento resulta em equilíbrio psicológico, bem como possibilita interação social, no campo dessa interação estão os roteiros de viagens que proporcionam conhecimentos culturais diferenciados, por meio do turismo cultural.

O turismo cultural é um agente importante da economia, da mudança dos paradigmas sociais e empresariais. A indústria do turismo cultural passa a ser uma nova era na sociedade de consumo. Assim, a oferta de destinos culturais atrai muito mais turistas, o que por sua vez aquece o crescimento das empresas de serviço turístico, como: hotelaria, lojas, itinerários e outros (RICHARDS, 2005).

O patrimônio cultural é o ator principal do turismo, nesse universo estão os elementos materiais e imateriais, presentes em cidades que conservam acervos em monumentos, edifícios, museus, festas e manifestações de tradições. A cidade de São Luís possui inúmeras fontes de pesquisa com suas histórias que constituem a

cultura local, representada por nichos de mercado do turismo cultural, dentre eles o gênero musical reggae que passou a ser incorporado como prática cultural da cidade.

A compra do espaço nas mídias locais pelos empresários donos de clubes e das radiolas, possibilita a veiculação de seus eventos, seus produtos culturais e sua identidade para um número bem maior de pessoas, toda essa mobilização constitui a massa regueira. O reggae deixa de ser visto como uma expressão cultural marginal, ganha a alcunha de bem quisto por boa parte da sociedade local, principalmente entre estudantes e intelectuais da classe média.

O que se depreende é que a mídia é um campo de mediação que interfere no imaginário social e articula os processos de construção de uma identidade, daí, se deu a passagem do reggae das páginas policiais para as páginas de cultura dos jornais locais. O contexto atual do movimento reggae cristaliza sua posição de expressão cultural de grande poder de alcance mercadológico e midiático, com a realização de dezenas de shows de artistas de nível internacional, tais como: “The Wailers”, “Jimmy Cliff”, “The Gladiators”, “Gregory Isaacs”, “John Holt”, entre outros (BRASIL, 2011).

A cultura reggae tem relação direta com o turismo cultural, pois, quem a vive busca incessantemente o conhecimento pelas origens e nuances da trajetória do reggae pelos países que o aculturaram. O reggae como produto de consumo voltado para o turismo acaba por ditar manifestações artísticas e culturais que se inicia com o estilo musical, perpassa pela moda, pelos dreadlocks¹³, filmes, pinturas e outros símbolos da cultura reggae.

Nessa perspectiva, considera-se que a legitimação fez com que a forma de julgamento do reggae fosse variada, e seu sentido interpretado de diversas maneiras. A forma como uma cultura é apropriada está diretamente ligada ao julgamento e ao gosto, e estes são ressignificados na produção das trocas simbólicas. A cultura reggae maranhense conseguiu impor suas políticas de representação social, ainda que timidamente, realizando a compra do espaço midiático, e expandido sua produção simbólica para este novo “espaço de público-alvo”.

¹³ Dreadlocks: É um estilo de cabelo que se tornou muito popular a partir da cultura rastafári (BRASIL, 2011).

Portanto, todo mercado simbólico é um campo marcado pelo mediador, inteiro produtor de sentido que interage num mesmo ambiente social; são eles que julgam, consagram e institucionalizam os bens “ditos” culturais. O reggae, por ser híbrido e espontâneo, permite a interação dos agentes sociais, independentemente de sua classe social, raça ou religião, em um mesmo ambiente social.

Dentro desse cenário de hibridismo cultural, onde a tradição (cultura popular) e a tradução (reggae maranhense) interagem em um só ambiente, relações sociais estas características de uma sociedade contemporânea, onde os interesses comerciais, lazer e entretenimento, ou simplesmente de identificação, interagem constantemente, é possível visualizar a adoção do reggae pela classe média, caracterizado por bares de médio porte, com radiolas menores, nos quais, geralmente, acontecem apresentações de bandas de reggae ao vivo.

O espaço acima citado é em sua maioria frequentado por estudantes universitários, intelectuais e outros membros da classe média que tem por objetivo promover o movimento reggae como produto turístico, por meio do fortalecimento de sua identidade, valorização dos costumes locais, da articulação e integração dos seguimentos identitários, visando à satisfação dos visitantes, comunidade e agentes dos segmentos do Reggae em São Luís.

Por fim, o reggae faz circular um grande mercado de consumo de entretenimento em São Luís e na Baixada maranhense, seus consumidores estão muito bem representados pelos mais abastados, quanto pelos menos favorecidos da sociedade ludovicense. A relevância da dinâmica de apresentação da cultura reggae na “Jamaica Brasileira” se deu pelos vários mecanismos de articulação que aconteceram ao longo dos mais de trinta anos do gênero no Maranhão (PENHA, 2003).

Os processos de identificação com o ritmo, de apropriação do universo identitário e cultural, constitui-se um fenômeno social relevante no campo de estudo da cultura, pois, promoveu um elo nos laços culturais que se teceram desde os primeiros contatos do reggae com a cultura popular local, por exemplo o bumba meu boi e o tambor de crioula.

4.1 A crescente demanda social pelas “Pedras de Responça”

Em consequência da forte disseminação do reggae na mídia maranhense e nacional, enquanto fenômeno cultural o reggae assume uma nova proporção dentro da sociedade maranhense, mesmo para aqueles que não o aceitam como cultura local ou não reconhecem a força do ritmo em todas as classes sociais. A mídia veicula uma grande quantidade de informações e conteúdo, dos quais os receptores apropriam-se, meio que sem perceber, tornando-as parte de sua vivência, estimulando novas experiências e a construção de opiniões sobre o que está sendo veiculado. Assim, o reggae torna-se moda entre o final de 2004 e início de 2005, os bares então existentes que tocavam o ritmo, começaram a atrair a classe média e turistas.

Segundo Freire (2008), o grande marco acontece em 2005, com a transformação do Bar do Nelson que promovia festas de reggae para intelectuais e estudantes universitários da Ilha com uma estrutura bem rústica com chão de areia (até mesmo por sua própria localização que era na praia), sinucas, tapumes improvisados que passara a sofrer alterações devido a mudança de público, logo o proprietário teve que fazer mudanças em sua estrutura.

Além de pôr piso em todo o bar, Nelson trocou o tapume por cercas grafitadas e reconfigurou a decoração do bar. Neste mesmo ano deixou aos poucos de ser um ponto de universitários de classe média geral e passou a ser um *point* da juventude “*fashion*” e turistas. Seguindo a mesma tendência, por essa demanda de público surgem outras casas de reggae na mesma época como o Trapiche, localizado na Ponta D’areia próximo à beira da praia, que atrai um público bastante diversificado como universitários, além de abrir espaços para apresentações de bandas de reggae, e o Chama Maré também localizado na Ponta D’areia com o mesmo público. Essas casas começam a difundir outro tipo de reggae (apesar do predomínio do roots) reiterando-se a filosofia e significados do estilo reggae jamaicano. o Nelson a exemplo era responsável pela discotecagem da radiola *Vibration Sound* com porte menor em relação aos grandes paredões de radiolas comuns nos clubes de reggae as músicas tocadas eram o reggae jamaicano como Bob Marley, Peter Tosh e os cantores considerados mais românticos como John Holt, Gregory Isaacs e Erick Donaldson, preferência das radiolas de clubes (FREIRE, 2008).

Com a “legitimação” do reggae por estudantes universitários e intelectuais a mídia passa a publicitar com mais frequência o reggae enquanto estilo musical de expressão no Maranhão. Como resultado dessa divulgação e o fortalecimento do movimento reggae entre várias classes sociais abre o leque de oportunidades as bandas conquistaram mais espaço e visibilidade que praticamente ficavam no anonimato.

Como expoente destacamos a Tribo Jah uma banda de reggae maranhense que abriu caminho para várias outras bandas que começaram a fazer shows ao vivo em diversos espaços inclusive em bares como o Nelson, que encontraram um público cativo. E em alguns eventos maiores como o Maranhão Roots Reggae Festival (ver figura 12) um evento que reuniu atrações internacionais realizado em São Luís, no Multicenter Sebrae, durante dois dias, 23 e 24 de Julho do ano de 2005; em sua terceira edição (cantores jamaicanos), bandas locais, nacionais e radiolas de reggae, o público era de maranhenses, além, de um grande número de outros frequentadores.

Figura 12: Maranhão Reggae Roots Festival, ano 2005.



Fonte: Google, 2019.

Contudo por todas essas representações a demanda social que o reggae elevou fez com que justificasse a necessidade de se ter espaços mais abrangentes para essa manifestação cultural, logo o Centro Histórico de São Luís começa a trabalhar novos espaços e após o projeto de revitalização as iniciativas para atrair turistas se torna mais eficaz.

4.2 Momentos sazonais: tímida apresentação do reggae como roteiro turístico

O Museu do Reggae do Maranhão foi inaugurado no dia 18 de janeiro de 2018 (ver figura 13), fica localizado na Rua da Estrela no Centro Histórico de São Luís localização bastante favorável ao fluxo de visitantes, turistas e comunidade local. Considerado uma grande realização do Governo do Estado do Maranhão junto com representantes do movimento regueiro em São Luís, primeiro do Brasil e o segundo do mundo, o primeiro fica em Kingston capital da Jamaica o museu do Bob Marley, inaugurado em 11 de Maio de 1986, é um museu que faz homenagem ao Bob Marley, preservando memórias da vida do cantor. Conta com uma área de 397 metros quadrados, contendo cinco salões que homenageiam antigos clubes de reggae, famosos na década de 1990; o uso de recurso tecnológico e uma decoração bem sugestiva com as cores do reggae, implementam beleza excêntrica ao lugar (SECTUR-MA, 2019).

Figura 13: Faixada do Museu do Reggae do Maranhão.



Fonte: Google, 2019

O público pode “passear” por toda a trajetória do reggae no mundo, Brasil e Maranhão de forma cronológica. No primeiro espaço existe uma réplica do Clube Pop Som com móveis que imitam os paredões de radiola, bar cenográfico e móvel com aparelhagem de som (ver figura 14). O segundo espaço batizado como Clube BF (Bairro de Fátima) conta com uma sala com exposição de artistas, com fotos e discos e assuntos do cenário mundial.

Figura 14: Réplica dos paredões

Fonte: Google, 2019.

Há equipamentos audiovisuais seguindo uma linha do tempo e manequins trajados a caráter com os elementos da indumentária da massa regueira. No terceiro espaço chamado Clube Toque de Amor, é possível visualizar o resgate do conteúdo sobre o reggae no Brasil e Maranhão. No Clube Espaço Aberto a homenagem é feita aos regueiros famosos.

Este espaço também é destinado para eventos como festivais e encontros musicais para pequenos grupos de pessoas. Além disso, existe o pátio interno que possui uma área de vivência com lanchonete, biblioteca virtual (onde foram instalados computadores para a interação dos visitantes com o espaço), banheiros e sala de administração.

O público tem ao seu dispor várias relíquias que fazem parte do acervo, muitas delas foram doações e outras, aquisição com recursos do museu, dentre as quais estão a radiola “Voz de ouro canarinho”, de Edmilson Tomé da Costa, conhecido como Serralheiro, um dos pioneiros do reggae no maranhão e grande disseminador do gênero musical nos anos de 1970; uma guitarra da banda maranhense Tribo de Jah, o instrumento acompanhou a banda por mais de vinte (20) países, além, de ter sido usada nas primeiras gravações de suas canções e em grandes shows nacionais e internacionais.

O prédio fica localizado na Rua da Estrela, no centro de São Luís, na ocasião de abertura a programação foi recheada de surpresas com apresentação de grandes nomes da história do reggae como: Ademar Danilo o (curador do museu e diretor), FM Natty Naifson, Dj Neturbo, maestro Jailder, Carlinhos tijolada, Robertchanco e outros, além, de show com Célia Sampaio, Oderban Oliveira (Nonato e seu

conjunto), Tadeu de Obatalá (Banda Guetos), Mano Borges e Celso Reis, Garcia (Banda Reprise) e vários outros.

O museu atualmente é um dos mais visitados de São Luís, chega a registrar mais cinquenta mil (50.000) visitantes no primeiro ano de inauguração, dos quais vinte mil (20.000) são turistas. Já é destaque em revistas nacionais, como Carta Capital, e internacionais. O museu realiza diversas ações voltadas para a promoção da cultura reggae, dentre elas exposições, feiras, aulas de dança (toda às quartas feiras existe no museu aula grátis) para quem quer aprender dançar ao ritmo reggae. (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS, 2019)

As ocasiões especiais como a programação de aniversário do museu, realizada de 22 a 25 de janeiro de 2019; houve shows, rodas de conversas, oficinas gratuitas de tranças e aula de dança. O museu também promoveu no dia 11 de maio de 2019, como celebração ao Dia do Nacional do Reggae o “Tributo a Bob Marley”, são trinta e sete anos sem o rei do reggae.

São Luís também ganha um espaço público que se trata de um logradouro público, localizado na Praia Grande, ao lado do Museu do Reggae; a criação da Praça do Reggae de São Luís foi uma alteração da denominação do logradouro como resultado de um projeto de lei, aprovado pela Câmara Municipal da capital do Maranhão.

No último dia 11 de maio, comemorou-se o Dia Nacional do Reggae e a aprovação deste projeto, que buscou destinar um espaço público nomeado de Praça do Reggae. Esta ação representa uma homenagem à raça negra que deu origem a este movimento artístico-cultural e musical, além, de homenagear todos os artistas e demais pessoas que tem envolvimento direto ou indireto com o tema. É ainda um estímulo no incentivo à cultura e turismo de nossa cidade (BLOG GLAUCIO ERICEIRA, 2018).

O museu do Reggae apresenta durante a temporada de férias, o Projeto Quinta do Reggae do Governo do Estado e Secretaria de Estado da Cultura (SECTUR) , durante todas as quintas do segundo semestre do ano são realizadas apresentações gratuitas para o público, a fim de atrair diversos grupos das camadas sociais, bem como turistas que visitam a capital neste período. São atrações que englobam uma cadeia produtiva do reggae como gastronomia, DJs, bandas de reggae, radiolas, artesanato reggae e moda.

Segundo o diretor do museu do reggae, em entrevista publicada no site da Câmara Municipal de São Luís, em 04 de junho de 2018, aprovou a iniciativa do vereador, ao dizer: “O nome do Reggae em um logradouro público é um reconhecimento do poder público a um elemento cultural contemporâneo de nossa cidade, um dos ritmos favoritos do ludovicense, o Reggae é uma música que se tornou veículo de paz e transmite mensagens de igualdade; tem impacto positivo no Turismo em São Luís. Tudo foi pensado de maneira muito detalhada, a localização da praça é adequada, no coração turístico da cidade”.

O Projeto Reviva é um programa criado pela Prefeitura de São Luís, por meio da Secretaria Municipal de Turismo (SETUR), promovido de julho a dezembro, com o objetivo de dar mais visibilidade ao Centro Histórico. Faz parte deste programa o Passeio Sarau Histórico, Passeio Serenata e Roteiro Reggae, todos com o intuito de contar a rica história cultural de São Luís para o público visitante.

O Roteiro Reggae (ver figura 15) é um percurso pelas ruas do centro histórico de São Luís acompanhado por um cantor de reggae que explica como a Ilha do Amor se tornou a Capital Brasileira do Reggae. Durante o passeio os dançarinos ensinam ao público como dançar ao ritmo, de uma maneira tipicamente ludovicense: agarradinho. Além de ouvir ao longo do percurso as “pedras”, como são conhecidas as melhores músicas do reggae.

Segundo a Secretaria Municipal de Turismo, mostrar mais ao público sobre o reggae, uma vez que essa é uma característica tão atrativa de São Luís "É a oportunidade que tem o turista para perceber como a nossa cultura é rica. Nós temos o São João, que é fortíssimo aqui, mas também temos manifestações culturais e musicais que permeiam a cidade o ano inteiro, como o tambor de crioula e o próprio reggae" (AGÊNCIA SÃO LUÍS, 2019).

Figura 15: Percurso do Roteiro do Reggae



Fonte: Google, 2019.

Além desses programas específicos, promovidos por órgãos públicos, com o intuito de fomentar a atividade turística em São Luís, existe alguns eventos mais particulares que fazem a inserção do reggae como forma de alavancar ou até mesmo manter a cultura reggae viva. São eles, bares que tem em sua programação ao menos um dia na semana voltado para o reggae, como acontece no próprio centro histórico e outros com localização em praias da Ilha do Amor.

Outros bares também ganham destaque em vários cantos da cidade como o Rotatória Roots localizado no Anel Viário, Espaço Cultural Novas Fronteiras no bairro Vinhais, Cidinho Bar bairro Monte Castelo, Bambur Bar, um bar muito frequentado pelos universitários, localizado no bairro Sá Viana, lendários Roots bairro cidade operária, Espaço Roots bairro Anil. Bar Contra Ponto bairro Praia Grande; Creole na Lagoa da Jansen, Cozinha Massari bairro Olho D'água. Point Celso Cliff Bairro de Fátima, Quilombo Liberdade; Point Duca Black no bairro Centro.

Assim como alguns DJs também em parceria com alguns donos de espaços da cidade fazem parcerias que levam o reggae em inúmeros projetos que conseguem se firmar como alternativas para os mais diversos públicos na capital do Maranhão, realizando alguns eventos na cidade, atraindo um expressivo número de pessoas, público fiel ao ritmo. E muitos desses projetos carregam um lado social, alguns têm caráter solidário e faz arrecadação de alimentos para instituições carentes, entre outros.

O reggae ainda é muito discutido em diversos debates, encontros, rodas e conversas com o Trade Turístico, e precisa ser visto como produto promocional da cidade para auxiliar no desenvolvimento da atividade, porque assim, o reggae adquire caráter mais relevante acerca de sua força enquanto produto cultural da cidade, a fim de despertar o interesse dos turistas e, desse modo, movimentar mais e melhor a cadeia produtiva do reggae.

O título de Jamaica Brasileira precisa ser sustentado e essas ações tem como objetivo enaltecer, como mais uma atração para quem visita a cidade de São Luís, para que se possa conhecer um pouco da cultura reggae, ritmo musical que carrega toda cultura de uma população negra, que têm modos de falar, vestir e dançar influencias e aspectos socais e culturais da Jamaica que aqui se ressignificou por aqui, e foi adotado como forte cultura local, junto de outros aspectos que fazem do maranhense, em especial o ludovicense, um povo único.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com base nos resultados obtidos na pesquisa, verifica-se que Silva (2016) pontua que o reggae nasce no modo de vida dos africanos escravizados na Jamaica. Mostra a identidade de um povo por meio da música, marcada pelo clamor social da justiça, religiosidade, igualdade e a situação política. Esses mesmos africanos foram espalhados mundo a fora, bem como sua raiz identitária. Um dos lugares onde o ritmo mais se popularizou foi no Brasil, especialmente em São Luís, ação que explica o motivo de ter se tornado a Jamaica Brasileira.

Ao verificar os resultados da pesquisa salta aos olhos como foi feita essa passagem de identidade, ao longo da historicidade adquiriu cada vez mais vivacidade, não só como referência musical, mas também cultural; um dado expoente nessa representatividade são as vitórias que os atores do movimento reggae conseguiram colecionar nas muitas atividades que tinham por objetivo promover a cultura reggae no Maranhão.

É sabido ser um ponto positivo, no que se refere à melhoria do desenvolvimento dessa cultura, outros autores enalteceram esse movimento como digno de sua expansão, Freire (2008) em suas pesquisas mostra o quanto a diversidade pode ser boa para cultura, uma vez que a diversidade é a soma das culturas, isso contribui para que esse tipo de luta se torne mais assertiva para os indivíduos que a abraçam.

Lima (2006) reforça no mesmo sentido que, a cultura constitui uma dimensão fundamental do processo de desenvolvimento e contribui para fortalecer a independência, a soberania e a identidade das nações. O desenvolvimento autêntico persegue o bem-estar e a satisfação constantes de cada um e de todos.

Consequentemente, os autores conversam entre si, mostrando motivos de ser a “Jamaica brasileira”, devido a sua luta, aos objetivos que deveriam ser alcançados e a vitória que conseguiriam devido à culturalização do ritmo musical. O mesmo se tornou uma forma de turismo cultural para a cidade de São Luís, cujo resultado é a participação direta no crescimento econômico da capital com manifestações culturais diversificadas; há de se ressaltar que o sofrimento e a dor expostos na musicalidade do reggae jamaicano, desponta como lição de vitória, feita todos os

dias, enfatizada na alegria que contagia as pessoas a dançarem e a conhecerem de modo aprofundado o “roots” de um ritmo que se tornou identidade cultural.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se dentro deste acervo científico que a evolução na história do reggae envolve todos os níveis estruturais das lutas e conquistas do negro, cujo resultado foi a expansão do ritmo musical reggae como identidade do estilo de vida das pessoas de onde ele nasceu. A Jamaica e sua relação étnica com a cidade de São Luís, no que se refere ao fenômeno de identificação da juventude negra da periferia, com raízes africanas e algumas características culturais semelhantes às da terra do roots, figura como razão que motivou a elaboração deste trabalho.

São Luís é um celeiro do ritmo cadenciado, da dança que faz a melodia soar como um convite à liberdade. As peculiaridades pertencentes à Ilha do Amor se iniciam na década de 1970, onde as mudanças trazidas pelas trocas culturais entre Kingston e São Luís, geograficamente distantes, porém, próximas no diz respeito a questões econômicas, sociais e culturais, cujos traços musicais causaram influência na adoção do reggae por parte dos ludovicenses que formam a população negra e de baixa renda.

O fato de ser produto cultural de importação não deixou o reggae de fora do gosto popular daqueles que apreciavam as manifestações folclóricas (bumba meu boi e tambor de crioula, dentre outras), bem como o bolero e o forró nordestino, estilos executadíssimos nas festas. Os anos de ouro do reggae (entre os anos de 1985 a 1995) deu à capital do Maranhão condições de conhecer novidades culturais.

Foi possível perceber ao longo desse estudo que o movimento reggae sofreu preconceito, chegando a ser considerado perigoso e ameaçador da ordem social. Na atualidade há uma tímida apresentação do ritmo como produto do Turismo cultural de uma Jamaica que se tornou brasileira, a partir da consolidação dada pelos ludovicenses que conseguiram com o destaque na mídia, apagar as características europeias de uma “Atenas Brasileira”, marcada pela cultura letrada.

Observou-se ainda que o reggae é reconhecido nacionalmente como Patrimônio Cultural, no entanto, ainda não é vendido como “roteiro” do turismo cultural do Maranhão. Portanto, a dinâmica de apresentação do reggae como produto cultural voltado para o turismo depende dos vários mecanismos de articulação de que se pode dispor, a fim de incluí-lo como fenômeno social relevante no campo de estudo da cultura popular maranhense.

Ao longo da elaboração deste trabalho, emergiu a latente necessidade de que seja promovido, de modo mais extravagante o elo dos laços culturais que se teceram desde os primeiros contatos do reggae com a cultura popular local. As apropriações políticas, simbólicas e econômicas operadas em vários níveis tanto pelos empresários do reggae, quanto pelos veículos de comunicação de massa, demonstram a importância que este fenômeno tem hoje na capital maranhense.

Pesquisá-lo através das mais variadas abordagens e comunicá-lo por meio dos expoentes, porém, reduzido grupo de teóricos que discorrem sobre o tema, é, portanto, fundamental para se entender a dinâmica sociocultural da Ilha de São Luís. Aspectos limitantes referentes à inexistência de vasta literatura acerca do objeto de estudo desta pesquisa, apresentar o reggae como elemento cultural em São Luís, figurou como estímulo na busca por informações significativas sobre o reggae, nas seguintes esferas que o constituem: origem, evolução, contexto identitário e subgêneros da contemporaneidade.

Assim, discorrer sobre o Reggae na “Jamaica Brasileira” foi enriquecedor, uma vez que há em São Luís um universo complexo e diversificado, capaz de despertar atenção e fascínio nos pesquisadores do gênero musical jamaicano. Vale ressaltar que a análise resultante das inferências de cada autor, impulsionou ao entendimento de que em São Luís, hoje, o reggae se tornou questão de mercado, considerando-se a concepção de “Indústria Cultural”; no entanto, é, na essência, compreensão de identidade, por se tratar de gosto cultural construído por experiências do contexto histórico-social, associações e semelhanças com as tradições regionais.

REFERÊNCIAS

Agência São Luís, 2018. **Prefeitura de São Luís promove Roteiro Reggae durante atividades do Programa Férias Culturais**. Disponível em: www.agenciasaoluis.com.br/noticia/21964. Acesso em 12 jun. 2019.

ARAÚJO, Elaine Peixoto. O reggae ludovicense: uma leitura do seu sistema léxico-semântico. **Revista Philologus/Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos** - Ano 10, nº 28, Rio de Janeiro: CiFEFil, 2004. Disponível em: http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=artigos/docs/reggae_ludovicense.

BRASIL, Marcus Ramusyo de Almeida. **O reggae no caribe brasileiro**. São Luís: Pitomba, 2014.

_____. **O reggae no Maranhão: sociologia da cultura e produção simbólica**. Aurora, 12:2011. Disponível em: www.pucsp.br/revistaaurora.

_____. **Percurso histórico das mídias de reggae em São Luís–MA: 30 anos**. 2006. Disponível em: http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd4/sonora/m_brasil.doc.

Câmara Municipal de São Luís, ano 2018. **São Luís ganha sua primeira praça do reggae**. Texto do Blog de Gláucio Ericeira. Disponível em: www.camara.slz.br/sao-luis-ganha-sua-primeira-praca-do-reggae. Acesso em: 12 jun. 2019.

Canal Reggae, ano 2015. **Como o reggae surgiu no Brasil**. Texto do Blog de Canal Reggae. Disponível em: <http://canalreggae.com.br/como-o-reggae-surgiu-no-brasil/>. Acesso em: 12 dez. 2018.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueria e. "Jamaica"; **Brasil Escola**. Disponível em <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/jamaica.htm>. Acesso em: 08 mai. 2019.

FREIRE, Karla Cristina Ferro. **Onde o reggae é a lei**. São Luís: EDUFMA, 2012.

_____. **Que reggae é esse que jamaicanizou a Atenas brasileira?** 2010. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal do Maranhão – UFMA. São Luís, MA.

_____. O Reggae em São Luís na contemporaneidade: identificação cultural, segmentação e mercado. **Revista Cambiassu**. Publicação Científica do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, 2008. Disponível em: www.cambiassu.ufma.br/cambi_2008/karla.pdf. Acesso em: 18 abr. 2019.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, Carmen. Debate sobre indústrias criativas: uma primeira aproximação para o estado da Bahia. **Revista da Desenbahia**, n. 5, p. 04, 2006.

LOPES, Cássio. **Na levada do Reggae**: a influência do consumo cultural na formação da identidade juvenil. 2006. 48p. Graduação em Publicidade. (Monografia de graduação) – Centro Universitário Franciscano. Santa Maria, Rs.

MAHAL, Jaí. **O Reggae no Brasil dos anos 1970**. Disponível em: <http://culturabrasil.cmais.com.br/playlists/o-reggae-no-brasil-dos-anos-1970>. Acesso em: 10 out.2018.

MENESES, Ulpiano. **Os usos culturais da cultura**: contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

O IMPARCIAL, Ano 2018. **13 points, casas e bares de Reggae para curtir em São Luís, a Jamaica Brasileira**. Disponível em: www.oimparcial.com.br/noticias/2018/02/13-points-casas-de-bares-de-reggae-para-curtir-em-sao-luis-a-jamaica-brasileira/. Acesso em: 13 jun. 2019.

PENHA, Talita Lima. **Reggae identidade cultural e atratividade turística de São Luís do Maranhão**. Brasília UnB/CET, 2003. Monografia (Especialização em Turismo e Hospitalidade).

RIBEIRO, Eduardo. **A cadência das radiolas de reggae de São Luís**. Disponível em: https://noisy.vice.com/pt_br/article/a-cadencia-das-radiolas-de-reggae-de-sao-luis. Acesso em: 15 mar. 2019.

RICHARDS, G. (2005). **Cultural Tourism in Europe. Eletronic format by the Association for Tourism and Leisure Education**. Disponível em: <http://www.atlas-euro.org>. Acesso em: 24 abr.2019.

Ritmos da Identidade: mestiçagem e sincretismos na cultura do Maranhão. São Luís: SEIR/FAPEMA/EDUFMA, 2007.

SILVA, Carlos Benedito da. **Da Terra das Primaveras à Ilha do amor**. Reggae, lazer e identidade cultural. 2. ed. São Luís: Pitomba livros e discos, 2016.

_____. **Da Terra das Primaveras à Ilha do amor**. Reggae, lazer e identidade cultural. 1. ed. São Luís: EDUFMA, 1995.

Secretaria de Estado da Cultura e Turismo. **Museu do Reggae será inaugurado nesta quinta-feira (18), no Centro Histórico de São Luís**. Disponível em: <http://www.ma.gov.br/agenciadenoticias/sala-de-imprensa/museu-do-reggae-sera-inaugurado-nesta-quinta-feira-18-no-centro-historico-de-sao-luis>. Acesso em: 09 jun. 2019.

ROSA, Maristane de Sousa. **O Reggae na "Jamaica brasileira"**: cidadania e política a partir de letras musicais. Revista Brasileira do Caribe [online] 2007, VIII (Julio-Diciembre): Disponível em: <<http://redalyc.org/articulo.oa?id=159114265004>> ISSN 1518-6784. Acesso em: 13 jun. 2019.

SOUSA, Thalisse Ramos de. **O Reggae em São Luís como atrativo turístico**. São Luís: Universidade Federal do Maranhão. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo), 2005.

VIDIGAL, Léo. **História do reggae parte 2 Rocksteady**. Disponível em: www.geledes.or.br/historia-do-reggae-parte-2-rocksteady. Acesso em: 02 jun. 2019

